

IMIGRAÇÃO COREANA NA CIDADE DE SÃO PAULO*

Keum Joa Choi**

Na história do processo imigratório no Brasil, a região Sul e o estado de São Paulo foram as grandes áreas receptoras, desde o século XIX até o século XX, em diversos momentos, em diversas circunstâncias, sob diversas denominações.

Estudamos aqui o processo imigratório dos coreanos para o Brasil e especialmente para a cidade de São Paulo, de um lado, pelo fato de ser coreana e ter acesso à comunidade, de outro, pela não existência de qualquer estudo acadêmico, na Coreia, nos Estados Unidos e no Brasil, até o momento.

Menos de 100.000 imigrantes coreanos na América Latina

Atualmente, presume-se em cerca de 5.000.000 o número de coreanos residentes fora da península coreana, o que corresponde a 11% da população da Coreia do Sul, ou 7% da população total das Coreias do Norte e do Sul. Supomos que, dentre estes países, os que abrigam maior número de coreanos são: China, 2.300.000; Estados Unidos, 1.160.000; Japão, 680.000 e União Soviética, 500.000. Segundo os dados do Ministério do Exterior do Governo Coreano, datado de 30 de junho de 1991, o número de imigrantes coreanos na América Latina chega a 85.436: no Brasil, 42.162; na Argentina, 29.800; no Paraguai, 9.300; na Bolívia, 1.131; no Chile, 1.523; no Equador, 899; na Venezuela, 249; na Colômbia, 180; no Peru, 118; no Surinami, 49 e no Uruguai, 25. Considerando-se o número dos emigrantes coreanos para o Novo Mundo, desde a promulgação da Lei de Emigração de 1962, o Brasil está em terceiro lugar, após os Estados Unidos e o Canadá.

- * Comunicação resultante de dissertação de Mestrado em História Social, sob o título *Além do Arco-Íris: a imigração coreana no Brasil*, defendida na FFLCH/USP, em maio de 1991.
- ** Mestre em História Social da FFLCH/USP.

Os imigrantes coreanos no Brasil, especialmente na cidade de São Paulo

Podemos afirmar que, após 29 anos de história de imigração dos coreanos no Brasil, oficialmente mais de 42.162 coreanos e seus descendentes vivem em território brasileiro. Embora presentes em várias capitais estaduais, é na cidade de São Paulo que se concentram 96,84% deles. Cerca de 90% dos que aqui vivem, direta ou indiretamente, desenvolvem atividade econômica ligada ao comércio de confecção de roupas especialmente no setor atacadista dos bairros do Bom Retiro e do Brás. A maioria reside nos bairros da Liberdade, Aclimação e Higienópolis.

A concentração de coreanos vem sendo criticada pela imprensa brasileira e é tida como "invasão dos coreanos". Paralelamente, vem sendo observado o aumento do capital internacional coreano entre nós. Como exemplo, citamos a empresa Samsung, conhecida produtora de eletro-domésticos.

Comparada com outros países asiáticos, a abertura coreana para o Ocidente ocorreu mais tardiamente, em 1876, enquanto que a da China data de 1840 e a do Japão de 1854. Tendo sido colônia do Japão, entre 1910 e 1945, a Coréia iniciou seu processo de modernização posteriormente, bem como o processo de emigração. Na realidade, só após a Guerra da Coréia (1950-1953) e, sobretudo, depois da Revolução Militar (1961), foi que os governantes adotaram uma política emigratória no país, visando diminuir a concentração demográfica e os conflitos sociais muito freqüentes.

Todo o processamento emigratório Coréia-Brasil foi, entretanto, preparado e realizado por civis e não por elementos do governo. Este limitou-se a apoiar e a aprovar o movimento. Promulgada a Lei de Emigração a 15 de março de 1962, a primeira da história da República da Coréia, teve lugar a emigração rumo ao Brasil. A partir do término da Segunda Guerra Mundial, o povo coreano passou a considerar o padrão e o estágio de desenvolvimento norte-americano como a meta a ser atingida, ampliando tal visão para todo o Ocidente, sentindo-se incentivado a emigrar. Antes mesmo da chegada da primeira leva de imigrantes coreanos ao Brasil, em 12 de fevereiro de 1963, já aqui residiam alguns coreanos, que vieram na qualidade de japoneses naturalizados ou fugitivos da Guerra Civil Coreana.

Tendo estudado todo o processo emigratório coreano, podemos destacar fases na história da imigração:

- 1) 1910-1956: denominamos de *fase pré-imigratória*, quando entraram no Brasil, além de um número desconhecido de coreanos naturalizados japoneses, entre 1910 e 1945, 50 fugitivos da Guerra, em 1956. Esses dois casos ocorreram devido à tragédia da história da Coréia e tornaram-se a força absoluta para adaptação dos imigrantes coreanos que vieram depois. Com o final da Guerra em 1953, alguns capturados pelas tropas da ONU não quiseram voltar para sua terra

de origem e tampouco permanecer na Coréia do Sul, devido ao choque durante a Guerra. Eles abandonaram a nacionalidade coreana e foram para a Índia, país neutro. Após dois anos de estada na Índia, o Brasil ofereceu-se para acolher os ex-prisioneiros que, ao desembarcarem no aeroporto do Rio de Janeiro, em 6 de janeiro de 1956, cantaram o Hino Nacional brasileiro.

2) 1962: *fase de imigração semi-oficial*, em que 14 membros da Primeira Delegação Cultural, ligada à Companhia de Promoção de Cooperação entre Brasil e Coréia, chegaram para estabelecer as formas de trazer mais coreanos.

3) 1963-1971: *fase de imigração oficial*, quando se registrou a entrada de mais de 1.300 coreanos, em 5 levas de agricultores, que entre 1963 e 1966 vieram de navio. Em 1971 chegaram de avião 1.400 técnicos, contratados através da Companhia Oficial de Desenvolvimento da Coréia no Exterior.

4) 1972-1980: *fase clandestina*, anos marcados pela entrada de grande número de imigrantes clandestinos, vindos através de outros países da América do Sul, como Paraguai, Bolívia e Argentina.

5) 1980 em diante: *período da "imigração em cadeia"*, isto é, a vinda de imigrantes coreanos realizada como resposta a convites recebidos por parte de familiares.

Para explicar a presença dos coreanos na cidade de São Paulo, precisamos relembrar que as tentativas iniciais de estabelecimento dos primeiros imigrantes ocorreram na zona rural como agricultores. O êxodo dos mesmos para a cidade de São Paulo, como comerciantes, foi posterior.

Atendendo às exigências do governo brasileiro, os primeiros imigrantes coreanos tentaram residir na zona rural, como agricultores, mas na prática eles eram ex-militares, em geral protestantes, elementos de classe média e alta, procedentes do meio urbano, portadores de certo grau de instrução e de experiência profissional como comerciantes. Em função das dificuldades, não se adaptaram à vida no campo, apesar dos subsídios do governo coreano. Após três anos de tentativas frustradas de viver no campo, em média, cerca de 90% deles se transferiram para a cidade de São Paulo que, na época, os atraía, pelo crescimento industrial. A capital abrigava imigrantes de diferentes procedências, o que, em tese, significava a possibilidade de melhores condições de vida. Os coreanos que vieram em 1971, como engenheiros, estabeleceram-se diretamente na cidade.

O interesse maior em emigrar para o Brasil foi dificultado em 1972, em razão de uma medida restritiva tomada pelo governo brasileiro. Tal fato, entretanto, não impediu que os coreanos continuassem a entrar no país. Na verdade, ao final da década anterior, os coreanos que haviam trabalhado, quer na Alemanha Ocidental como mineiros, quer no Vietnã, por não desejarem voltar à Coréia, haviam optado pelo Brasil, fazendo parte de um sistema denominado de "emigra-

ção triangular”. No início dos anos setenta, alguns professores de Tae Kwon Do vieram ao Brasil, em busca de uma vida melhor e muito contribuíram na divulgação da cultura coreana.

Na segunda metade da década de setenta, a onda emigratória de coreanos em direção ao Brasil, via Paraguai e Uruguai, coincidiu com outra onda a de sul-americanos, em razão do estreitamento das relações entre os referidos países e dos problemas políticos gerados pelos regimes autoritários. O grande número de clandestinos chamou a atenção do governo brasileiro, que temia a presença de “subversivos”.

As medidas tomadas pelo Brasil para resolver a situação vigente provocou o estremecimento nas relações diplomáticas. A 4 de maio de 1977, o governo coreano, por seu turno, colocou barreiras à emigração para a América Latina, visando resolver os problemas causados pelos clandestinos, as disputas entre os coreanos aqui estabelecidos e, também, tentando impedir a formação de uma imagem negativa nos países latino-americanos em relação aos coreanos. Com tais medidas, foi provocada uma considerável diminuição no movimento emigratório e ocorreram desencontros e separações de muitas famílias.

Logo que chegaram à cidade de São Paulo, os coreanos procuraram contatar os conterrâneos na “Vila Coreana”, situada entre as ruas Glicério e Conde de Sarzedas, no bairro da Liberdade, conhecida como seu núcleo residencial, por ser uma região já habitada por japoneses, o que significava maior possibilidade de comunicação, graças ao emprego do idioma japonês. Era de aluguel barato e ficava próxima ao centro. Tais fatores e mais a possibilidade de contato com outros coreanos atraía os recém-chegados.

Localizamos, em um jornal coreano datado de 1973, 10 anos após a chegada da primeira leva, a descrição da referida Vila por um jornalista: “A situação do bairro coreano em São Paulo parecia um verdadeiro inferno, com péssimas condições higiênicas, dominado pela prostituição, pelo crime e pela pobreza”¹.

A visão de alguém que não vivia ali não contrastava com a de um dos moradores que, em depoimento, assim se referiu: “Nós morávamos como refugiados durante o período da guerra. Ninguém se preocupava com a higiene. As pessoas só se preocupavam com o ganho de dinheiro. Não tínhamos armário, nem tínhamos cama. As roupas eram guardadas em malas de pano. parece que nós estávamos sempre prontos para, a qualquer momento, mudar para outro lugar (...)”².

1. Após 10 anos de chegada dos imigrantes coreanos no Brasil. *Jungang Ilbo*, Seul, 15 set. 1973.

2. Depoimento da esposa de Kwang Cha Lee, ex-presidente da Associação Brasileira dos Coreanos no Rio de Janeiro, em fevereiro de 1988.

Apesar da situação, os imigrantes não tinham outras opções, pois o problema que mais os atormentava era o da moradia. Assim sendo, tivessem ou não parentes, possuíssem ou não dinheiro, eles procuraram quase sempre a “Vila Coreana”, buscando a convivência dos conterrâneos, para diminuir o impacto de que eram vítimas ao entrar em contato com costumes tão diversos daqueles de que eram portadores. O desconhecimento da língua portuguesa, a esperança de manter ali uma cooperação mútua e o alívio sentido em conviver com pessoas da mesma origem foram fatores importantes que levaram os coreanos a se aglomerarem. O grande papel desempenhado pela Vila foi o de ser veículo de transmissão de técnicas de sobrevivência para os recém-chegados à nova terra. Vale dizer que a “Vila Coreana” era a fonte a que recorriam para se informar sobre a situação econômica do país, sobre as possibilidades de trabalho que lhes eram oferecidas, sobretudo no ramo da confecção, ao qual os coreanos se dedicaram desde o início de sua presença na cidade, dando continuidade aqui ao que faziam na Coreia.

Nos anos setenta, já os encontramos como intermediários de atacadistas e varejistas, representantes de confecções junto a proprietários de lojas, que foram penetrando, pouco a pouco, no setor que até então era dominado por judeus e árabes. Sua participação ficou restrita à área de confecção, não penetrando na área da produção – tendo em vista que nenhum coreano trabalhava como fabricante de tecidos ou de fios – ou no setor de tingimento de tecidos.

O sonho acalentado pela maioria deles era o de possuir sua própria loja, com capital obtido nas atividades de oficina de costura ou de caseado. Faz parte da cultura coreana a noção de que certas atividades não devem ser permanentes, o que os faz mudar sucessivamente de ocupação. Se alguém trabalha numa oficina de costura durante 10 anos, é considerada uma pessoa incompetente. Esse juízo de valor reflete também a existência de certa hierarquia profissional entre eles.

Uma das características do trabalho no ramo da confecção dos coreanos na década de oitenta, e talvez ainda hoje, é que muitos deles acabam voltando ao ramo, independentemente de sua formação profissional – alguns possuidores de diplomas de curso superior – por ser uma atividade extremamente rendosa. Com isso, ocorre certa limitação no horizonte dos negócios, a longo prazo. Ao mesmo tempo, a convergência de elementos da comunidade em torno dos mesmos interesses e de uma atividade comum tem criado um ambiente propício à multiplicação de casamentos endogâmicos.

A soma de todos esses fatores explica, até certo ponto, a não existência de uma maior expansão e diversificação nas atividades dos imigrantes coreanos, embora atualmente já comecem a surgir alguns sinais nesse sentido.

Tem sido difícil para os imigrantes coreanos, a nosso ver, conseguir ascender socialmente dentro da sociedade brasileira, mesmo porque eles não se misturam,

permanecendo como uma comunidade fechada. Não se pode ignorar os esforços da comunidade no sentido de manter sua cultura e língua materna, como procederam, aliás, outros grupos étnicos. Isto se explica, em parte, pelo fato de uma parcela significativa dos imigrantes coreanos entre nós ter por meta, desde sua saída da Coréia, a reemigração para os Estados Unidos. Assim, são fortes os esforços no sentido de preservar valores da cultura de origem, o que se pode verificar junto a diferentes órgãos, como a Associação Brasileira de Coreanos; as muitas igrejas com suas escolas dominicais; vários grupos de interesse inclusive mantendo o "Kye", que é a fonte da força do crescimento econômico (um tipo de consórcio de capital), e a própria *midia*.

Para contrabalançar o contato constante das crianças e adolescentes com a cultura brasileira, via escola, *midia* e relações pessoais, os pais vêm-se preocupando em lhes transmitir a língua e valores da cultura coreana, o que a nosso ver se explica pelo fato de a história da imigração coreana ser recente, o que faz com que muitas de suas atitudes sejam ainda dominadas pelas primeiras gerações e pelas entradas contínuas de novos elementos, o que vem contribuindo para tornar lento o processo de assimilação à sociedade brasileira.

Até as anistias de 1980 e 1988, a entrada de clandestinos funcionou como uma faca de dois gumes: por um lado, significou uma fonte de divergência dentro da comunidade e, por outro, uma fonte de crescimento dessa mesma comunidade, sobretudo, por representar um forte contingente de mão-de-obra barata no ramo da confecção. Hoje em dia, tal fato não mais ocorre, pois grande parte deles teve sua situação regularizada no país.

Espera-se, a médio prazo, que haja uma maior diversificação profissional, o que já vem sendo notado com a abertura do mercado brasileiro. A partir das modificações implantadas pelo governo Collor, muitos coreanos têm deixado a cidade de São Paulo, reemigrando para os Estados Unidos, retornando à Coréia ou se transferindo para outras cidades de outros estados brasileiros, em busca de novas oportunidades de trabalho. Se alguns coreanos estão saindo com a atual onda de emigração brasileira, por outro lado, outros coreanos estão continuamente vindo para cá, pois para os que sofrem com a alta competitividade, quer em escolas, quer em empregos, o Brasil é ainda muito atraente, tanto por sua abundância natural, como pela tradicional visão do "Paraíso" que atrai os estrangeiros.